

ADOLESCENTES E PRIMEIRO EMPREGO: DA PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA À ESTRUTURAÇÃO SUBJETIVA

Marlene TEIXEIRA¹
Deise Marques CHAMORRO²

RESUMO: Este artigo discute o lugar do trabalho no processo de estruturação subjetiva de adolescentes em situação de primeiro emprego, considerando-se as especificidades da organização do trabalho em *fast-food*. Fundamenta-se na lingüística da enunciação em diálogo com formulações sobre adolescência elaboradas pela psicanálise. O material de investigação constitui-se de: entrevistas gravadas com 30 adolescentes, selecionados entre os atendentes de uma loja de cadeia *fast-food* de Porto Alegre; texto veiculado no *site* sobre a filosofia que orienta a ação da empresa; entrevista com o gerente da loja que sediou a pesquisa. A análise do texto do *site* e da entrevista do gerente revela que a empresa coloca-se numa dupla posição, ao mesmo tempo em que desfavorece a singularização de seus jovens funcionários, por valorizar um ideal de perfeição, calcado na idéia de formação por "adestramento", atua no sentido de dar lugar à instituição de novas enunciações. As entrevistas com os adolescentes mostram que, apesar dessa contradição, a inserção no universo do trabalho via empresa *fast-food* constitui-se em experiência significativa para os adolescentes, principalmente por possibilitar passagem para outras experiências profissionais e pela identificação com os pares.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; subjetividade; adolescência; trabalho.

Contextualização

O ingresso precoce no mundo do trabalho está hoje colocado para os brasileiros, porque muitas famílias não conseguem dar conta das inúmeras demandas incessantemente criadas pela sociedade de consumo e, muitas vezes, nem mesmo têm renda suficiente para atender às necessidades básicas de seus filhos. Além disso, diante da guerra urbana que vivenciamos, a integração da juventude no mercado de trabalho é considerada uma estratégia eficiente para evitar a criminalidade. O próprio governo parece apostar na inclusão social dos jovens como forma de driblar os problemas sociais, o que atesta o projeto Primeiro Emprego, que prevê a concessão às empresas de verba mensal por contratação para custear os

¹ Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada – UNISINOS – 90540-160 – Porto Alegre – RS – Brasil. Endereço eletrônico: martei@terra.com.br

² Graduada Curso de Letras – Bolsa UNIBIC – UNISINOS – 93022-000 – São Leopoldo – RS – Brasil. Endereço eletrônico: marques@terra.com.br

encargos trabalhistas e preparar a juventude brasileira para o mercado de trabalho.

Em razão dos aspectos assinalados, há uma disposição generalizada a favor do ingresso de jovens no mundo do trabalho, embora pouca discussão venha sendo feita sobre os possíveis impactos dessa experiência na vida dos adolescentes. O texto que aqui apresentamos procura oferecer elementos para uma compreensão maior da inserção dos adolescentes no sistema produtivo. Mais especificamente, propõe-se a examinar o lugar do trabalho no processo de estruturação subjetiva de adolescentes, considerando-se as especificidades da organização de trabalho em *fast-food*.

Se tomamos por objeto de atenção a organização *fast-food*, é por acreditar que essas redes fornecem um panorama amplo e claro do que vem ocorrendo no mundo do trabalho, constituindo-se, portanto, em lugar paradigmático para investigar as condições de subjetivação na sociedade atual.

Escolhemos observar adolescentes porque estudos sobre a adolescência são ilustrativos de questões sobre a subjetividade em geral. De acordo com Rassial (1999, p.12), a adolescência é um "momento determinante e fundador na estruturação da personalidade".

Como nosso foco principal é a questão da subjetividade, a área de estudos da linguagem a que recorreremos é a lingüística da enunciação. Buscamos aí fundamentos para empreender uma análise de discurso que leve em conta a movimentação do sujeito na cena enunciativa a partir de "pistas" deixadas por ele na superfície lingüística.

Nosso posto de observação é, pois, a lingüística da enunciação de orientação benvenistiana, colocada em diálogo com a psicanálise. Passamos a detalhar esse entrelaçamento teórico.

A enunciação

Utilizamos a denominação lingüística da enunciação para abarcar um conjunto de abordagens da linguagem, que, embora diversas, apresentam um eixo de interesse comum: "tomar os atos de linguagem com referência à singularidade da ocorrência contextual". Incluem-se, nesse conjunto, lingüistas pós-estruturalistas, tais como Bally, Jakobson, Benveniste, Ducrot, Authier-Revuz, além do filósofo Bakhtin, que, de algum modo, buscam evidenciar as relações da "língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito" (FLORES, 2001, p.11).

Em artigo publicado em *Letras de Hoje*, Flores (2001) sistematiza alguns princípios norteadores no sentido de melhor situar o campo de estudos que estamos referindo como *lingüística da enunciação*. De início, chama a atenção para a polissemia do termo *enunciação*, que tanto pode indicar o surgimento do sujeito no enunciado, como a relação que o locutor

mantém pelo texto com o interlocutor ou ainda a atitude do sujeito falante em relação a seu enunciado.

Tentando definir o objeto da lingüística da enunciação em relação à dicotomia *língua/fala*, Flores diz que ele não se situa nem na língua, nem na fala, isto é, os fenômenos estudados nas teorias da enunciação pertencem à língua, mas não se encerram nela; pertencem também à fala, pois só nela e por ela têm existência; e questionam a dicotomia, já que emanam tanto da língua quanto da fala.

Recentemente (TEIXEIRA, 2004), desenvolvemos argumentação no sentido de mostrar que a lingüística da enunciação é uma área intrinsecamente predisposta ao diálogo com outros campos do saber interessados na relação homem/língua. Partindo da afirmação de Barthes (1978, apud KERBRAT-ORECCHIONI, 19--, p. 15) de que é necessária "uma terceira lingüística cujo campo não seja a mensagem ou o contexto, mas a enunciação", consideramos que as célebres formulações de Benveniste sobre a subjetividade na linguagem, incluídas na análise do sistema pronominal, oferecem indicativos de que se desenvolve aí um pensamento sobre a linguagem que abala alguns dos dogmas sobre os quais a lingüística se edificou, representando um movimento na direção de uma nova ordem científica. Sendo assim, a teoria de Benveniste, ainda que tributária do estruturalismo, apresenta-se como uma *outra lingüística* cujo objeto não é nem a *língua* nem a *fala*, mas a enunciação, ato de passagem da língua ao discurso pelo qual o sujeito semantiza a língua.

Especialmente em "O aparelho formal da enunciação", Benveniste (1989) rompe de modo explícito com dicotomias formuladas em textos anteriores – semiótico/semântico; língua/discurso; pessoa/não-pessoa; referência à instância de discurso e referência a uma situação objetiva –, esboçando um modelo de enunciação em que língua e uso integram-se numa só abordagem (TEIXEIRA, 2004).

Seguindo Normand (1996) e Dufour (2000), salientamos ainda que, sob o estudo pormenorizado do dispositivo intralingüístico pelo qual a língua é posta em ato, o sistema de pronomes, Benveniste coloca questões de interesse muito amplo. Os textos de "O Homem na Língua" fundamentam, através de uma análise lingüística minuciosa, toda uma reflexão sobre o sujeito que hoje tem sido a preocupação fundamental das ciências humanas. Qualquer tipo de análise política, psicanalítica ou semiológica não pode abstrair da noção fundamental de sujeito, intimamente ligada ao conceito de discurso, e Benveniste, ao considerar o processo de instituição subjetiva na linguagem, revela a vocação transdisciplinar da lingüística da enunciação, abrindo-a ao diálogo com outros campos interessados na relação homem/língua (TEIXEIRA, 2004).

Encontramos em Flores (2004) considerações que corroboram a idéia de que o sistema de pensamento de Benveniste pode aliar-se a outros saberes para pensar sobre a problemática da subjetividade. O autor considera que a afirmação "É na linguagem e pela linguagem que o homem

se institui como *sujeito*, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser o conceito de 'ego'" (BENVENISTE, 1988, p.286) pode ser vista como a expressão de um raciocínio cuja natureza "evoca a desconstrução de um sujeito em si, o que permite conhecê-lo apenas na realidade da língua-discurso. O sujeito, em Benveniste, é linguagem, e a intersubjetividade é a sua condição".

Com base nessas ponderações, Flores (2004) mostra que o sistema de pensamento benvenistiano produz uma epistemologia cujo *a priori* é a afirmação de que o homem se constitui como sujeito na linguagem e a intersubjetividade é a condição da subjetividade. Logo, enunciar para o homem é supor o outro, porque enunciar é sempre algo que implica o outro, sendo o movimento da enunciação que recria indefinidamente o sujeito.

A nosso ver, o sistema teórico de Benveniste, porque contempla a (inter)subjetividade, representa um lugar privilegiado de encontro entre a lingüística e a psicanálise.

Ainda no campo de estudos enunciativos, recorremos a formulações de Authier-Revuz (1998, 1995, 2004) cuja teoria das heterogeneidades/não-coincidências enunciativas filia-se a Benveniste, no que diz respeito à concepção de linguagem como elemento fundamental da subjetividade.

A perspectiva de Authier-Revuz é compatível com o que, segundo entendemos, deva ser a colaboração da lingüística no intercâmbio interdisciplinar, ou seja, ela fornece indicações para que se institua um espaço teórico-metodológico em que o estudo de discursos socialmente situados possa ser feito pela indissociabilidade entre as formas lingüísticas e seu funcionamento discursivo. Sua teoria oferece abertura para a abordagem de questões relativas à subjetividade, desde um ponto de vista que, sem desconhecer que a língua se constitui de um léxico associado a um sistema de regras fonéticas e morfossintáticas, concebe-a como o lugar em que o sujeito enuncia sua posição de locutor, deixando entrever a alteridade que o constitui e que se *mostra* na matéria lingüística por meio de traços inventariáveis (TEIXEIRA, 2001).

A passagem adolescente

Desde sua conceituação, no século XIX, a adolescência tornou-se objeto de interesse de diversos campos do saber. Nosso trabalho considera a adolescência do ponto de vista psicanalítico. O modo como a psicanálise concebe a adolescência diferencia-se daquele das teorias que a compreendem como uma etapa do desenvolvimento em que acontecem modificações orgânicas que se direcionam a uma maturação sexual, bem como de teorias que a tomam como um período instalador de operações lógicas que possibilitam o pensamento filosófico.

Segundo o ponto de vista de autores de orientação freudolacanian (RASSIAL, 1997; BECKER, 2002), a adolescência é uma operação psíquica que se caracteriza pela suspensão dos laços originários que até

então delineararam para o sujeito o formato do mundo, configurando-se como um lugar de passagem para a constituição de outras filiações no contexto social. Sob essa perspectiva, a adolescência não diz respeito a uma faixa etária, mas à configuração de três elementos: (1) o discurso do Outro que notifica que há um gozo possível fora do familiar; (2) a experiência de uma nova erotização do corpo na relação com o sexo oposto; (3) a possibilidade de novas inscrições simbólicas, a partir da inserção do sujeito em novos grupos (cf. BECKER, 2002). O interesse da pesquisa situa-se no terceiro elemento, ou seja, na nova inscrição simbólica fora do âmbito familiar, de modo particular, o que se dá pela inserção no mercado de trabalho.

Na busca pela fundação de um *território próprio*, quando o pai cessa de ser o representante único da ordem simbólica (RASSIAL, 1997, p.15), o adolescente precisa de novo realizar uma série de operações fundadoras. A adolescência representa, então, a perda de um lugar de enunciação, o da infância, e a busca de instituição de um outro, o da vida adulta. Buscamos examinar o lugar do trabalho nessa passagem à singularidade, a partir do pressuposto de que o primeiro emprego se configura como um lugar social inicial (juntamente com a escola), onde o adolescente vai constituir referências de passagem entre o familiar e o público.

A pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são 30 adolescentes (16 a 21 anos) em situação de primeiro emprego, selecionados entre os atendentes de restaurante de rede *fast food* da cidade de Porto Alegre. A maior parte deles (em torno de 70%) está na faixa etária de 16 a 18 anos. Todos cursam o ensino médio, residem na grande Porto Alegre, trabalham no horário das 16 às 22h e estão, no máximo, há 2 anos na empresa. Segundo observamos em ficha de dados preliminarmente preenchida por eles e nas próprias entrevistas, esses jovens não se enquadram entre aqueles cujo trabalho é imprescindível à sobrevivência familiar.

Cenário

Antes de mais nada, é preciso destacar que, de acordo com pesquisa feita na França (PINTO et al, 2000), o trabalho em redes de restaurante *fast-food* está orientado para formas valorizadas de serviço, sendo socialmente mais prestigiado do que outros também praticados por adolescentes, tais como o de entregador e caixa de supermercado e o de guarda de estacionamento.

O local em que realizamos a pesquisa integra uma rede de restaurantes de alimentação rápida bastante prestigiada, que se define como prioritariamente focada na qualidade e no respeito ao cliente, tendo já recebido prêmios por seus serviços. Atualmente, é considerada a maior

empregadora de jovens no Brasil, representando uma das principais possibilidades de ingresso dos adolescentes no mercado de trabalho.

Entre os valores que a empresa diz preservar está o compromisso social. Por isso, pratica uma “política de boa vizinhança”, preocupando-se em contribuir para o bem-estar das comunidades onde se instala.

Um dos fatores que a diferencia das demais empresas *fast-food* é a ausência de especialização em seu quadro de atendentes. Todos são treinados para atuar em todas as tarefas do restaurante, seja no caixa, seja na limpeza ou no atendimento. Devido a essa peculiaridade, a escala de trabalho é constantemente revezada, sob a alegação de que tal prática aumenta a motivação e o interesse dos jovens pelo serviço.

Sendo assim, a flexibilidade é uma das principais características que os aspirantes a um cargo nessa empresa devem ter. Há, todavia, outros atributos que os auxiliam a ingressar como funcionários nessa renomada rede de lojas de alimentação rápida, como: buscar, constantemente, a superação dos seus limites; mostrar espírito empreendedor e dinâmico; primar pela qualidade do produto oferecido; residir, preferencialmente, perto de um dos restaurantes da rede; ser ambicioso, competente e responsável; ser disciplinado; ser maior de 16 anos; ter concluído ou estar cursando o Ensino Médio; ter motivação e determinação.

A empresa incorpora as principais particularidades da organização *fast-food*: polivalência/rotatividade de funções; onipresença da hierarquia; hiperprodutividade/organização industrial; busca de motivação pela concessão de prêmios e pela proposição de alternativas de interlocução que privilegiam a brincadeira, de modo a fazer com que a imersão no trabalho não exclua os funcionários do mundo da diversão; valorização do espírito de equipe/favorecimento de um quadro de sociabilidade; valorização do treinamento como forma de aquisição de conhecimento.³

A loja na qual executamos a pesquisa oferece a seus funcionários alimentação, vale-transporte, planos de saúde médico e odontológico, auxílio-funeral, auxílio-estudo e mais uma série de prêmios conforme o desempenho no trabalho.

Os encontros entre os adolescentes e as pesquisadoras ocorreram nos momentos de recreação. O lugar estabelecido para recreação e intervalo dos funcionários é um pequeno espaço reservado na parte interna da loja, que disponibiliza aos funcionários televisão, rádio, computador e mesas para lanche. Há uma comunicação dessa sala com o vestiário e com banheiros de uso interno.

Além da recreação, esse espaço é utilizado para pequenas reuniões de trabalho, as chamadas *reuniões de posicionamento*. Como os funcionários são submetidos ao sistema de *rotação de área*, através do qual são convocados a executar tarefas variadas (limpeza do salão,

³ Para caracterizar o sistema de trabalho *fast-food*, buscamos informações, particularmente, em pesquisa feita na França a esse respeito (PINTO et al, 2000).

atendimentos do balcão e do caixa, cozinha), nos quinze minutos que antecedem sua entrada no serviço, encontram-se ali para receberem do gerente a "posição" ou "posições" que irão ocupar durante o dia de trabalho.

É também nesse local que acontecem as reuniões mensais, que servem para falar das dificuldades e problemas de trabalho, para comemorar os aniversariantes do mês e até mesmo para a entrega das premiações aos que se destacaram no serviço.

A loja, local onde os clientes são atendidos, tem um barulho constante. Chamadas por lanches, tarefas e metas a serem cumpridas são "cantadas" a todo o momento pelos gerentes e funcionários. Existem certos horários do dia em que alguns funcionários, previamente escolhidos e ensaiados, apresentam um número de dança para os clientes; em outros momentos, cantam as músicas promocionais que o público conhece através dos comerciais. O número de horas trabalhadas varia de acordo com a disponibilidade do adolescente, levando-se em consideração o seu horário de escola.

Entrada em campo

Em razão de reconhecermos a importância de aspectos subjetivos para a compreensão profunda de fenômenos sociais, os procedimentos de entrada e permanência em campo levaram em consideração o caráter dialógico da interação social, pautando-se pelo princípio bakhtiniano do dialogismo, segundo o qual o sujeito se constitui frente ao outro em um processo de auto-reconhecimento pelo reconhecimento desse outro.

A utilização desse princípio leva ao redimensionamento da técnica da entrevista. Amplamente praticada nas ciências sociais, a entrevista, de um modo geral, orienta-se por uma concepção referencial de linguagem. Sob a perspectiva que adotamos, essa técnica passa a ser considerada como uma atividade dialógica, durante a qual pesquisador/sujeito da pesquisa constroem posições enunciativas numa relação de intersubjetividade. Nesse sentido, não buscamos reduzir ou eliminar a presença do entrevistador, em nome de uma "neutralidade", de fato impossível na ótica dialógica que adotamos. Pelo contrário, o entrevistador constitui a interação em curso, os dizeres obtidos nas entrevistas são tomados como estreitamente vinculados ao ambiente em que foram produzidos, não podendo, portanto, ser descontextualizados.

Após obtermos o aval da gerência e a destinação de uma loja para a realização da pesquisa, participamos de uma das reuniões que a loja promove com os funcionários adolescentes, em que nos foi dada a oportunidade de explicar-lhes a proposta e consultá-los a respeito de se gostariam de colaborar com a investigação. Sua adesão foi imediata. Aos poucos, fomos conquistando também a confiança do gerente, que se

mostrou disponível para prestar esclarecimentos sobre o funcionamento da loja e do sistema organizacional da empresa.

Coleta do material de investigação

Para investigar o modo como a empresa se representa, tomamos o texto veiculado no *site* sobre sua “filosofia”.⁴ Escolhemos esse material por acreditarmos que é através da filosofia que a empresa fundamenta sua ação e mostra como gostaria de se dar a ver.

Juntamos ao texto do *site*, dados obtidos na entrevista com o gerente da loja em que foi realizada a pesquisa a respeito do modo de organização da empresa, dos procedimentos de recrutamento e formação de pessoal.

A investigação de como os adolescentes representam sua primeira experiência de trabalho tomou por base dados obtidos em entrevistas gravadas em fita cassete, realizadas pelas pesquisadoras com o grupo de adolescentes,⁵ sobre experiência de trabalho, valores e projetos de vida.

Acreditamos poder encontrar nesse material elementos para examinar o lugar do trabalho no processo de estruturação subjetiva de adolescentes em situação de primeiro emprego, considerando-se as especificidades do modo de organização *fast-food*.

Usamos o termo *representação* porque, na perspectiva enunciativa, a relação do sujeito com o mundo externo não se dá por reflexo.⁶ O sujeito reinveste e reativa a realidade no ato de enunciação.

Procedimentos de análise do material de investigação

Antes de indicar os procedimentos de análise, julgamos importante lembrar que a lingüística da enunciação, como vimos anteriormente, dilui a dicotomia *língua* e *fala*, mostrando que, quando o sujeito toma a língua para, pelo ato enunciativo, transformá-la em discurso, deixa aí seu traço. A análise enunciativa do discurso trabalha, então, com a idéia de que o sujeito falante se inscreve permanentemente no interior do próprio discurso, ao mesmo tempo em que inscreve o *outro* pelas marcas enunciativas. Trata-se, então, de identificar os vestígios do ato de enunciação no enunciado, verificando os “lugares” de inscrição, na trama enunciativa, dos diferentes constituintes da enunciação. É por este viés que buscamos interpretar o sentido, levando em conta não só a descrição da forma lingüística *stricto sensu*, mas o que elas dizem do sujeito do dizer.

É preciso considerar também que, em lingüística da enunciação, não existe um fenômeno lingüístico *a priori* a ser estudado, mas qualquer

⁴ Entende-se por filosofia de uma empresa, o conjunto de princípios e forças diretivas e de atitudes que ajudam a comunicar as metas, os planos e as regras para todos os empregados, e que são reforçados pelo comportamento em todos os níveis da organização (MATTAR, 2004).

⁵ Além de nós, Maira F. Brauner, professora da FAPA (RS) e Cristiane Knorst, aluna do Curso de Letras da UNISINOS e bolsista (BIC FAPERGS), participaram ativamente desta etapa da pesquisa.

⁶ *Representação* é aquilo que do objeto vem inscrever-se no enunciado pela mediação do sujeito.

fenômeno estudado por outras áreas da lingüística, em qualquer nível (lexical, sintático, etc.), pode receber uma descrição sob o viés da enunciação. A análise enunciativa não é um nível, mas um ponto de vista. Nesse sentido, não se trata de trabalhar com algo “dado” enquanto evidência, mas com o produto de um construto teórico (FLORES, 2001, p.59). A análise pode, então, deter-se nos itens lexicais e/ou nas construções sintáticas, desde que olhemos para esses fenômenos em relação ao que revelam sobre posições particulares na cena enunciativa.

Derivamos de Authier-Revuz (1998) uma metodologia de análise do material de investigação em três momentos intimamente relacionados:

1. Levantamento de formas lingüísticas pelas quais: (a) a empresa é representada nos discursos dela própria e do funcionário de carreira, (b) a empresa e o funcionário de carreira representam seu papel em relação ao funcionário atendente; (c) os adolescentes representam essa primeira prática de trabalho;
2. Descrição enunciativa das formas inventariadas, no sentido de observar o que elas revelam em relação às posições particulares do sujeito na enunciação;
3. Análise dessas representações no sentido de observar o lugar do trabalho na passagem adolescente.

A seguir, apresentamos uma síntese dos resultados da análise. Em primeiro lugar, focalizamos a empresa para mostrar que aspectos de sua organização favorecem (ou não) a singularização de seus funcionários adolescentes. Nessa etapa, operacionalizamos a análise de acordo com a proposta acima apresentada.

A segunda parte da análise toma por objeto as entrevistas dos adolescentes. Nosso objetivo é delinear a forma como esses jovens representam a primeira experiência de trabalho numa organização de tipo *fast-food*. Para não extrapolar os limites deste artigo, deixamos de apresentar uma descrição minuciosa do material lingüístico levantado, tal como foi feito na etapa anterior, privilegiando a interpretação do que esse material revela sobre o lugar da experiência de trabalho no processo de singularização dos adolescentes.

A empresa

As formas lingüísticas que se mostraram reveladoras da representação da empresa (doravante X)⁷ sobre si mesma foram construções atributivas com verbo “ser” em estruturas comparativas.

Os enunciadores contam com diversos meios de designar um referente. O nome próprio é um deles. Através do nome próprio, o enunciatador designa diretamente aquele sobre o que fala, levando o co-

⁷ Por razões éticas, o nome da empresa é resguardado.

enunciador a singularizar um indivíduo num grupo. O nome próprio pode ser retomado, ao longo do discurso, por expressões definidas.

No discurso em análise, o nome próprio e os sintagmas nominais co-referentes vêm em estruturas sintáticas do tipo atributivas. As construções atributivas (cf. RIEGEL et al, 1994, p.233-242) constituem-se por um sujeito⁸ e por um atributo introduzido pelo verbo “ser” – ou um verbo de estado suscetível de substituí-lo (tornar-se, ficar, parecer) –, que funciona como *cópula*, isto é, como marcador da relação predicativa que o atributo mantém com o sujeito. O atributo é o segundo constituinte do grupo verbal, nas construções atributivas, sendo interpretado como um predicado que exprime característica (propriedade, estado ou categorização) do sujeito.

Nos recortes retirados do texto do site sobre a filosofia da empresa, o verbo que forma com o atributo uma expressão predicativa é o verbo “ser”.

- (1) *O X é um dos grandes fenômenos do século 20.*
- (2) *O X é uma das principais portas de entrada no mercado de trabalho para jovens estudantes.*
- (3) *O X é uma verdadeira escola profissional para os milhares de jovens que passam pela empresa.*
- (4) *O X é a empresa brasileira que mais emprega adolescentes.*
- (5) *O X é a melhor empresa para se trabalhar no país.*
- (6) *O X é hoje o maior formador de mão-de-obra.*
- (7) *O X é muito exigente.*

Segundo Benveniste (1988, p.205), o sentido do verbo ser é “*ter existência*”, ser em “*realidade*”, e essa “*existência*” e essa “*realidade*” se definem como o que é autêntico, consistente, verdadeiro. O verbo ser estabelece uma relação intrínseca de identidade entre os dois termos que une, é o estado *substancial*. “Ser” é o estado do “sendo”, daquele que é alguma coisa (BENVENISTE, 1988, p.217).

As expressões atributivas com verbo ser, presentes no discurso da empresa, dão caráter de essencialidade aos atributos a ela conferidos.

Observe-se ainda que os sintagmas atributivos, nos recortes selecionados, colocam X em algum tipo de comparação. A comparação estabelece relação entre o que são ou mostram ser dois ou mais objetos/pessoas, estabelecendo igualdade, superioridade, inferioridade. Em (1) e (2), o superlativo relativo indica que a qualidade atribuída à empresa é ressaltada na comparação com possíveis concorrentes. Em (4), (5) e (6), o superlativo absoluto indica que a superioridade de X é ressaltada sem nenhuma relação com a concorrência. Em (7), o superlativo é realizado pela palavra intensiva “muito”. Trata-se de uma qualidade (a exigência) ressaltada na comparação com outros seres. O intensificador “muito” indica que a qualidade de X ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma

⁸ Trata-se aqui da noção gramatical de sujeito.

qualidade. Em (3), o atributo de X é o de “uma verdadeira escola profissional”, o que deixa a entender a existência de uma norma de avaliação de escola profissional, definida por um consenso social, segundo a qual X se coloca também em situação de superioridade.

Podemos observar que a empresa, nesses fragmentos, se representa em lugar de saber absoluto: é imbatível no serviço que oferece, conhece os meios para bem introduzir jovens no mercado de trabalho.

Selecionamos quatro fragmentos discursivos que nos parecem ilustrativos do modo como a empresa designa sua ação junto aos jovens trabalhadores.

- (8) *o grande segredo é desenvolver pessoas.*
- (9) *os funcionários são formados para ter competência em práticas que podem ser úteis em toda a vida.*
- (10) *o trabalho em grupo e o compromisso da empresa de contribuir para o amadurecimento e a educação dos jovens são centrais no processo.*
- (11) *a carga horária é definida de maneira que o atendente possa conciliar trabalho, estudos e lazer.*

O verbo *desenvolver* – presente no recorte (8) –, segundo Borba (1990), é de ação-processo, ou seja, denota a ação de alguém sobre um outro. No caso, X se coloca como podendo causar mudança no jovem funcionário, via processo educativo, fazê-lo crescer, progredir.

No fragmento (9), chama a atenção a forma passiva analítica “são formados”. Na voz passiva, o agente é rebaixado de sua posição prototípica mostrando-se, através desse recurso, sua baixa importância temática, segundo a perspectiva funcionalista de Givón (1990). Esse rebaixamento pode ser interpretado como um modo de promover o outro participante da oração (a empresa) em termos de topicalização. Enquanto na voz ativa o evento é prototipicamente estruturado como um processo iniciado pelo agente, a voz passiva tende a reestruturar o evento como um estado *resultativo*. Da ação da empresa, resulta, então, a formação da competência dos adolescentes que se estenderá por toda a vida. Do ponto de vista enunciativo, o deslocamento de foco em construções sintáticas diz da movimentação intersubjetiva que a enunciação encena. A empresa reafirma sua posição altruísta. Acima de tudo, ela visa o “bem-estar” dos jovens, tomando como compromisso contribuir para sua formação.

Na seqüência (10), a valorização do trabalho em equipe favorece um quadro de sociabilidade e a preocupação com a educação é novamente colocada como ponto central no processo de treinamento pelos quais os adolescentes são submetidos. Através do verbo “contribuir” a empresa mostra sua disposição de desencadear ações para o bem-estar do outro, isto é, assume compromisso não só com a formação profissional e a educação, mas com o amadurecimento dos funcionários adolescentes.

A seqüência discursiva (11) reforça a posição da empresa como disposta a assumir lugar de destaque na formação do atendente, buscando conciliar, em sua ação, interesses caros aos adolescentes como trabalho, estudo e lazer. Podemos até dizer que a empresa inscreve-se no lugar da função parental.

Na entrevista do funcionário de carreira, selecionamos cinco fragmentos indicativos do modo como ele vê o papel da empresa em relação ao trabalhador adolescente; todos eles contêm o verbo *pegar*.

- (12) *se ele tiver um bom padrão, se ele tiver dentro do perfil que a gente tá exigindo, dentro daquele modelo de competências, então a gente pega e dá uma oportunidade pra essa pessoa.*
- (13) *a gente pega esses jovens sem experiência nenhuma no mercado de trabalho, a gente trabalha ele com há visando esse método de treinamento que nós temos há com a finalidade e o objetivo que nós queremos.*
- (14) *pegamos ele sem experiência alguma entendeu, e até colocamos ele no mercado já com uma boa experiência e com boa referência.*

Segundo Borba (1990), *pegar* é verbo de ação-processo que pode significar, entre inúmeras possibilidades: lançar mão de ...para algo; fazer uso de; assumir a responsabilidade sobre. Nos fragmentos destacados, esses três sentidos parecem válidos. Há um *a gente* (o gerente-empresa) que atua sobre um outro (jovens funcionários), o que nos permite dupla possibilidade de interpretação: o gerente-empresa lança mão do funcionário para o cumprimento das metas da empresa tendo o funcionário adolescente como um sujeito treinável, que ocupa um lugar passivo, dependente da ação dele (gerente) e da empresa. Trata-se de um sujeito que é "trabalhado/treinado" tanto para o mercado de trabalho quanto para satisfazer os objetivos da empresa. A outra possibilidade é: o gerente-empresa assume a responsabilidade sobre a formação (treinamento) dos funcionários adolescentes.

O levantamento e a descrição de formas lingüísticas acima apresentados permitem dizer que a empresa promove ativamente um ideal que ela situa acima de qualquer outro valor: a competência do serviço, traduzida na perfeição da atuação junto ao cliente. Mostra-se, assim, rigorosa na política de imposição ao funcionário do que considera "padrão de excelência". Deixa-se ver, então, como extremamente exigente na qualidade com que as tarefas são cumpridas.

Por outro lado, quer ser reconhecida como empresa que oferece caminho para o ingresso do adolescente no mercado de trabalho, sob o pressuposto de que sabe o que é bom para os jovens. Projeta então uma imagem altruísta, de quem pode entrar no sintoma social para oferecer saídas. A própria política de priorizar a contratação de adolescentes sem experiência relaciona-se a esse propósito. No que diz respeito ao

cumprimento dessa meta, o que está previsto é uma formação por treinamento, constantemente oferecida aos funcionários.

A imagem de funcionário que se deixa ver nos discursos tanto do texto do *site* quanto na entrevista com o gerente é, então, a de sujeito treinável para o objetivo central da empresa, a satisfação do cliente. O que se valoriza não é o indivíduo na sua singularidade, mas aquele que corresponde ao perfil do que é considerado modelo de funcionário para alcançar o padrão de excelência almejado. Frequentemente, “desenvolver a pessoa”, compromisso assumido pela empresa em relação a seu empregado, confunde-se com desenvolver a função. É interessante observar também que o sentido do verbo “amadurecer”, nesses discursos, desliza para: tomar a forma de funcionário padrão dentro de uma série, isto é, ter o formato padrão que serve a qualquer empresa.

Diríamos que a política da empresa de comprometimento com a questão social contém dupla mensagem. Ao mesmo tempo em que ela se propõe a ocupar, junto ao adolescente, o lugar de um “terceiro social” que, junto às figuras parentais, propõe-se a auxiliar na formação dos jovens, oferece um modelo de formação por treinamento, em que o sujeito é colocado como instrumento da lógica mercantilista, isto é, como objeto a serviço da produção.

Num mundo em que há um esvaziamento e uma pulverização das referências e/ou ideais compartilhados e transmitidos de geração a geração, no redemoinho de indefinições que constitui a sociedade atual, a representação da empresa como detentora de uma lei, e como quem pode oferecer aos adolescentes referências mais estáveis que lhes possibilitem uma apropriação do laço social, pode ser importante do ponto de vista da estruturação subjetiva. No entanto, a forma como esse ideal altruísta se realiza, em que o treinamento é oferecido como forma de aquisição de conhecimento, coloca o adolescente a ter que abrir mão de sua singularidade em troca da permanência no trabalho. Se a empresa se coloca como detentora de saber absoluto, é natural que ela vise a “normatizar” os sujeitos ao ideal que ela encarna, o que pode implicar que idiosincrasias tenham que ser eliminadas, por serem consideradas como sinais de desvio.

Além disso, a dupla mensagem contida na representação da empresa reatualiza uma das questões cruciais para o adolescente: O que os adultos querem de mim? Calligaris (2000, p.25) chama a atenção para o fato de que o adolescente “vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitem como par na sociedade dos adultos”. Em razão disso, lança-se numa interrogação que durará o tempo (indefinido) de sua adolescência: qual é o ideal dos adultos, para que eu possa enfim apresentá-los com isso, e, portanto, ser por eles enfim amado e reconhecido? Talvez ele seja levado a concluir que os adultos querem conformidade absoluta às regras sociais e, na busca de reconhecimento, busque se identificar com esse ideal. No entanto, quanto mais o adulto quer

impor sua autoridade e seus modelos, quanto mais tenta se constituir como autoridade moral, tanto mais ele enfraquece sua autoridade e se enfraquece com ela, sobretudo, se deixa margem que autorize a qualificação de seu lugar como incoerente. Esse aspecto pode chegar a produzir revolta e sofrimento no exercício da atividade de trabalho.

O adolescente e a organização do trabalho em *fast-food*

As características do sistema *fast-food* foram utilizadas como critérios para a observação da posição dos adolescentes da pesquisa em relação ao modo de organização em que se inscreve sua primeira experiência de trabalho. Embora não tenham sido feitas perguntas diretas a esse respeito, em quase todas as entrevistas, os adolescentes deixaram transparecer modos de reação às formas de organização do trabalho implementadas na empresa e à imagem pela qual ela quer ser vista.

Um dos fatores privilegiados pela empresa é a ausência de especialização em seu quadro de atendentes. Todos são treinados para atuar em todas as tarefas do restaurante, seja no caixa, seja na limpeza ou no atendimento. Devido a essa peculiaridade, a escala de trabalho é constantemente revezada, sob a alegação de que tal prática aumenta a motivação e o interesse dos jovens pelo serviço. Sendo assim, a flexibilidade é uma das principais características que os aspirantes a um cargo nessa empresa devem ter.

Pela desconsideração das aptidões individuais, a rotatividade da função parece anular o reconhecimento da diferença e, portanto, o talento individual. No entanto, no discurso dos adolescentes, a polivalência no exercício das funções não é claramente associada à noção de desprazer ou de sofrimento. Apenas alguns referem como negativa a sobrecarga de atribuições que essa modalidade acarreta.

Sua queixa maior diz respeito ao controle, que dizem ser excessivo, sobre sua atuação, e à hiperprodutividade que lhes exige a organização da empresa pelo modelo industrial, em que, em nome de não afetar o conjunto, cada um deve cuidar para manter alto o ritmo individual. Entrar nesse padrão é particularmente difícil para quem recém saiu de uma estrutura doméstica de exercício de atividades, em que o ritmo individual, de um modo geral, não é discutido. Em contrapartida, tal aspecto desenvolve o espírito de equipe e favorece o ingresso do adolescente em um quadro de sociabilidade imprescindível à instituição do laço social.

A apresentação do trabalho como um jogo, em que são propostas alternativas de interlocução que privilegiam a brincadeira; a busca de motivação por premiação; a abertura de espaços de fala são características altamente valorizadas pelos adolescentes.

(15) *Aqui, por exemplo, assim a gente vem pra sala de break né, na hora do break a gente brinca...*

- (16) *Gosto, também, das brincadeiras né, principalmente na hora do break...*

À nosso ver, essas características são facilitadoras de singularização, sobretudo, no que diz respeito à abertura de espaços de comunicação, em que os adolescentes não só recebem carga de informação, mas têm a oportunidade de expressar problemas e discutir soluções. Nesses espaços, ele exercita o ato de fazer ouvir sua voz pelo adulto, o que é fundamental para sua estruturação subjetiva. De fato, a finalidade do adolescente é clara: ele quer ser reconhecido como sujeito adulto, ele busca permissão para fazer parte da comunidade das pessoas "maduras".

Os adolescentes não se manifestam sobre a aposta da empresa no treinamento como forma de aquisição de conhecimento. Talvez isso se explique levando-se em conta o modo como os adolescentes estão "investidos" nessa primeira experiência de atividade no mercado de trabalho, conforme veremos mais adiante.

A experiência de trabalho na passagem adolescente

Levantamos formas lingüísticas, como pronomes, pelos quais os adolescentes se marcam na enunciação; modalizadores, pelos quais eles mostram o grau de adesão ao que dizem; estruturas comparativas e gerúndios, para mostrar como os jovens entrevistados representam a experiência no trabalho. Conforme já foi dito, em razão dos limites deste artigo, deixamos de apresentar a descrição dessas formas, tal como foi feito na etapa anterior da análise. Optamos por dar primazia à interpretação do que o material lingüístico levantado revela sobre o lugar da experiência de trabalho no processo de singularização dos adolescentes.

O estudo do material lingüístico revela que essa experiência é vista como possibilitadora de passagem para outras experiências profissionais; identificação com o os pares; adoção de valores da "maturidade" (como, por exemplo, responsabilidade e independência/autonomia financeira). Seguem-se algumas considerações a respeito dessas representações.

Os jovens sujeitos da pesquisa representam essa primeira experiência como provisória, inscrita num período de expectativa em relação à profissão futura. Trata-se, para eles, de atividade puramente instrumental, que não entra em sua "definição de si". O "verdadeiro trabalho" está projetado para o futuro e é na escola que eles apostam para chegar a ele. Podemos observar que é na condição de estudantes que seu investimento maior está colocado. Talvez por isso, eles não se manifestem em relação ao fato de serem "treinados" para o exercício de uma tarefa que, afinal, é provisória.

O trabalho é também experimentado como elemento ordenador de relações grupais. É carregado de relações afetivas, numa tentativa de

reconstrução de laços familiares no espaço institucional. A primeira ação, em resposta à falta de reconhecimento típica da passagem adolescente, consiste em "procurar novas condições sociais, em que sua admissão como cidadão de pleno direito não dependa mais dos adultos" (CALLIGARIS, 2000. p.35). O adolescente transforma assim sua faixa etária num grupo social. Ali podem mutuamente se reconhecer como pares. O grupo lhe proporciona uma integração mais rápida e critérios de admissão claros, explícitos e praticáveis, à diferença do que acontece com a "maturidade" exigida pelos adultos cujos indícios são obscuros.

A prática de trabalho cria um campo de experiência compartilhada altamente significativa do ponto de vista da estruturação subjetiva. Os adolescentes que perderam o amparo das certezas constituídas pelas formações simbólicas da família parecem encontrar no semelhante um espelho, um interlocutor para a incerteza.

- (17) *Brinco com todo mundo aqui dentro. [...] Todo mundo se ajuda, todo mundo tem cooperação com todo mundo, não deixa a gente na mão. Se tu tá desincentivado, se tu não tá com vontade de trabalhá, eles [os colegas] vão lá e te animam... aí é isso que dá inspiração na gente, né, aí te dá vontade de trabalhar e, bah, eu gosto muito disso também, é bom.*

Kehl (2001) salienta que a fratria não é capaz de obturar a falta constitutiva do sujeito, mas pode ampará-lo e proporcionar-lhe uma infinidade de prazeres, os prazeres da troca. Para além da rivalidade apontada por Freud, a autora considera que o semelhante pode funcionar como suporte para identificações secundárias. O espaço fraterno é um campo de produção de falas que procuram se legitimar contra a palavra paterna e, poderíamos dizer, no ambiente de trabalho, contra a ordem que a empresa representa. Do lado da fratria, temos, então, a produção/circulação de novas práticas languageiras, a abertura de diversos campos para as identificações secundárias e para o desenvolvimento de várias formas de contestação política e moral. A função fraterna que se opera na experiência de trabalho constitui-se, assim, em elemento importante para a estruturação subjetiva dos jovens funcionários da empresa.

A criação de laços de amizade se coloca como um efeito secundário na experiência dos adolescentes na empresa, pois não está nos ideais desta. Indiretamente, ela acaba oferecendo oportunidades interessantes de inserção dentro de um grupo, especialmente quando abre outros espaços de convívio além dos dedicados ao trabalho propriamente dito, como é o caso das reuniões para discussão de problemas, que sistematicamente promove.

Formas lingüísticas como estruturas comparativas com um dos elementos da comparação implícito demonstram os possíveis impactos da

inserção no mundo do trabalho na forma de vida dos adolescentes, apontando para uma modificação no lugar enunciativo em decorrência da atividade. Construções como *peguei um pouco mais de responsabilidade...* mostram que, por inserir-se no sistema produtivo, o adolescente vê perder-se um lugar de enunciação, o da infância, e sai em busca de instituição de um outro lugar, o da vida adulta.

O discurso que circula sobre o adolescente é de que, apesar da maturação do corpo, falta-lhe maturidade. Seu grande investimento é, então, buscar permissão para ficar adulto. Por outro lado, ele não tem como obter uma lista mesmo sucinta dos comportamentos e estilos pelos quais alguém é admitido na categoria "adulto". Sua busca, então, é por um reconhecimento para o qual ninguém sabe lhe dizer qual é o ritual de iniciação.

O ideal social de sucesso financeiro é triunfante na sociedade individualista em que vivemos, que preza, acima de tudo, a autonomia e a independência de cada sujeito. O adolescente-trabalhador persegue esse sucesso por um caminho que segue a retórica explícita do discurso sobre o valor do esforço, do suor na testa, da responsabilidade.

Em nossa cultura, um sujeito é reconhecido como adulto e responsável, na medida em que viver e se afirmar como autônomo. A idéia de autonomia está vinculada sobretudo à independência financeira. Por isso, esse aspecto tem destaque no discurso dos adolescentes. Para eles, é claro que, no sistema capitalista em que estão inseridos, o exercício do papel de trabalhador é que pode permitir-lhes a conquista de maior mobilidade social para a obtenção de bens e valores.

(18) *... não precisava tá dependendo deles quando, assim, eu querê sai pra algum lugar, assim eles terem de me dar dinheiro...*

(19) *eu acho legal, por um lado, assim, tu tê independência, uma coisa, até por eu tê o meu dinheiro para fazer as minhas coisas...*

É preciso considerar também o que diz Rassial (1997) sobre a relação do adolescente com o dinheiro. Segundo o autor, a especificidade do adolescente é não ser "nem uma coisa nem outra", nem completamente criança, nem completamente adulto. Esse *entre-dois* é freqüentemente evocado pelo adolescente a propósito de sua relação com o dinheiro. Enquanto a criança está submetida ao regime do "cofrinho", isto é, uma economia que tem por origem o presente, e o adulto conta com rendimentos, a que tem direito por seu trabalho na circulação financeira, a reivindicação típica do adolescente é por uma "mesada".

A empresa paga um salário que tem, para eles, sentido de "mesada", porque não se mostra necessário a sua sobrevivência essencial, e, o que é mais importante, trata-se de dinheiro a que ele tem direito, independentemente do pai ou da mãe, do qual ele precisa para circular fora de casa. Ao desempenhar o papel de um pai que cumpre bem sua função:

garantir o dinheiro mensal para que essa circulação se faça, o primeiro emprego acaba contribuindo para a estruturação subjetiva desses jovens.

Palavras finais

Quando, a partir do aporte da lingüística da enunciação, decidimos entrar no mundo do trabalho, foi para afirmar uma preocupação, não com as estruturas organizacionais, mas com a dimensão da subjetividade. Definir um compromisso com o sujeito que trabalha implica adentrar um campo de fronteiras porosas cuja abrangência transcende a visão disciplinar. Colocamos a lingüística da enunciação em diálogo com a psicanálise para examinar o impacto sobre a estruturação subjetiva de adolescentes da atividade em *fast-food*, organização típica do trabalho na contemporaneidade.

Os resultados da pesquisa mostram que a empresa coloca-se numa dupla posição, por um lado, desfavorecendo a singularização de seus jovens funcionários, pela valorização de um ideal de perfeição, calcado na idéia de formação por "adestramento", e, por outro lado, atuando no sentido de dar lugar à instituição de novas enunciações, pela promoção de valiosos espaços de expressão e convívio.

Esses adolescentes, na faixa etária de 16 a 21 anos, todos alunos de ensino médio, apesar das contradições assinaladas, vivem essa primeira experiência de atividade remunerada sem sofrimento por tomarem o trabalho como lugar de exercício da função fraterna, de ensaio para experiências mais significativas no sistema produtivo e de trânsito para uma espécie de "verdadeira vida" que virá como consequência da escolarização.

Tais resultados sugerem que a observação da relação estudo/trabalho talvez possa se constituir em temática relevante para futuras pesquisas.

Agradecimentos

Aos bolsistas (BIC/FAPERGS) Cristiane Knorst e Adauto Taufer, à professora Maira Fabiana Brauner (FAPA) e a Ângela Becker (psicanalista - APPOA) pela valiosa colaboração no desenvolvimento da pesquisa; a UNISINOS e a FAPERGS pelo apoio.

TEIXEIRA, M.; CHAMORRO, D. M. Adolescents and their first job: from production of experience to subjective structuring. *Alfa*, São Paulo, v.49, n.2, p.89-108, 2005.

ABSTRACT: *This article discusses where work is located within the adolescents' subjective structuring process in a situation of their first job, taking into account the particularities of how work is organized in fast-food chains. It is based on the linguistics of enunciation in a dialogue with formulations on adolescence made by psychoanalysis. The material of investigation is made up of recorded interviews with 30 adolescents, selected among personnel at a fast food chain in Porto Alegre; text advertised on the web site about the philosophy that guides the company action; interview with the manager of the shop where research was conducted. The analysis of the web site text and of the interview shows the company is in a dual position. At the same time it disfavours the singularization of their young employees due to valuing an ideal of perfection based on the idea of training by "dressage", but acts towards giving rise to the institution of new enunciations. The interviews with adolescents show that, despite this contradiction, the inclusion in the job market via a fast-food chain is a significant experience for adolescents, especially because it opens a path towards other job experiences and provides peer-to-peer identification.*

KEYWORDS: *Enunciation; subjectivity; adolescence; work*

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, 1995.

_____. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BECKER, A. L. *Adolescência e instituições: a mimesis como transmissão possível*. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BORBA, F. S. *Dicionário gramatical de verbos: do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1990.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

DUFOUR, D. R. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, V. N. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.36, n.4, p.7-67, 2001.

_____. Por que gosto de Benveniste? (Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n.4, p.217-230, 2004.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

- KEHL, M. R. A constituição do sujeito moderno. [s.l.: s.n.] 2001. Disponível em: <www.etatsgenereaux-psychanalyse.net/archives/textel13.html>. Acesso em: 06 dez. 2004.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciacion: de la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Hachette, 19--.
- MATTAR, J. A. *Filosofia e ética na administração*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATTO, E. M.; RABELLO, S. (Org.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.
- PINTO, V. et al. Étudiants en fast-food: les usages sociaux d'un "petit boulot". *Travail et Emploi*, Paris, n.38, p.137-156, 2000.
- RASSIAL, J. J. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1997.
- _____. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- RIEGEL, M. et al. *Grammaire méthodique du français*. Paris: PUF, 1994.
- TEIXEIRA, M. Discurso e trabalho: uma proposta de intervenção. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.36, n.4, p.183-202, 2001.
- _____. Benveniste: um talvez terceiro gesto? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n.4, p.107-120, 2004.